

ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558

Seção Resenha
Volume 28, Número 1, janeiro-abril de 2026Submetido em: 17/05/2026
Aprovado em: 21/07/2026

TRABALHO DIGITAL E NOVAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO: plataformas, logística e resistências no capitalismo contemporâneo

Resenha do livro: FESTI, Ricardo; NOWAK, Jörg (org.). *As novas infraestruturas produtivas: digitalização do trabalho, e-logística e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2024.

Mariana de Freitas Barros SOUZA¹
Universidade Veiga de Almeida (UVA)



¹ Doutora e mestre em Ciências Jurídicas e Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF), especialista em Direito do Trabalho e Direitos Humanos (PPGD/UFPA), professora do curso de Direito e coordenadora do Núcleo de Práticas Jurídicas da Universidade Veiga de Almeida, campus Cabo Frio (RJ), advogada sindical e trabalhista formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) – E-mail: mfbSouza@id.uff.br – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5966-2880>.

Resumo: Esta resenha analisa a obra *As novas infraestruturas produtivas: digitalização do trabalho, e-logística e indústria 4.0*, organizada por Ricardo Festi e Jörg Nowak e publicada pela Boitempo em 2024. A coletânea reúne pesquisas nacionais e internacionais sobre as transformações contemporâneas do trabalho diante da plataformação, da inteligência artificial, da logística digital e da Indústria 4.0. O livro evidencia que as tecnologias digitais não eliminam as contradições do trabalho, mas as reorganizam sob novas formas de controle, precarização, racialização, transferência de riscos e intensificação da exploração. Ao mesmo tempo, os artigos discutem experiências de resistência, mobilização coletiva e recomposição política da classe trabalhadora. A resenha destaca a relevância da obra para os estudos do trabalho, especialmente por articular economia de plataforma, subjetividade, educação, juventude, território e novas formas de organização social.

Palavras-chave: Classe trabalhadora. Plataformas digitais. Trabalho digital.

Abstract: This review analyzes *As novas infraestruturas produtivas: digitalização do trabalho, e-logística e indústria 4.0*, edited by Ricardo Festi and Jörg Nowak and published by Boitempo in 2024. The collection brings together national and international research on contemporary transformations of labor in the context of platformization, artificial intelligence, digital logistics, and Industry 4.0. The book shows that digital technologies do not overcome the contradictions of labor, but reorganize them through new forms of control, precarization, racialization, risk transfer, and intensified exploitation. At the same time, the chapters examine experiences of resistance, collective mobilization, and political recomposition of the working class. The review emphasizes the relevance of the book for labor studies, especially for its articulation of platform economy, subjectivity, education, youth, territory, and new forms of social organization.

Keywords: Working class. Digital platforms. Digital labor.

*

Publicada em setembro de 2024 pela Boitempo, a obra *As novas infraestruturas produtivas: digitalização do trabalho, e-logística e indústria 4.0*, organizada por Ricardo Festi e Jörg Nowak, integra a coleção *Mundo do Trabalho*, coordenada por Ricardo Antunes. Dedicada à publicação de estudos sobre o trabalho e sua centralidade nas sociedades contemporâneas, a coleção recebe, com este volume, uma contribuição relevante para a compreensão das transformações do capitalismo atual. A coletânea reúne 14 artigos assinados por pesquisadoras e pesquisadores do Brasil e do exterior, compondo um painel amplo sobre digitalização, plataformação, inteligência artificial (IA), e-logística, indústria 4.0, educação, juventude, raça, migração, território e novas formas de organização coletiva.

TRABALHO DIGITAL E NOVAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO

O livro parte de uma questão central para os estudos do trabalho: as transformações tecnológicas contemporâneas não suprimem a exploração, mas a reorganizam por meio de novas infraestruturas produtivas. Plataformas digitais, sistemas algorítmicos, cadeias logísticas, comércio eletrônico, inteligência artificial e tecnologias educacionais aparecem, na obra, não como processos neutros ou meramente técnicos, mas como formas historicamente determinadas de reorganização do trabalho sob o comando do capital. Nesse sentido, a coletânea contribui para desnaturalizar a retórica da inovação, da autonomia e da flexibilidade, evidenciando como tais discursos frequentemente encobrem a intensificação do controle, a transferência de custos e riscos aos trabalhadores e a fragilização de direitos.

Um primeiro eixo da obra volta-se ao trabalho em plataformas digitais, à formação da consciência e às formas contemporâneas de mobilização. O artigo de Ricardo Festi, João Pedro Peleja, Kethury Magalhães e Laura Gontijo, dedicado aos entregadores de aplicativos no Distrito Federal e Entorno, examina as tensões entre a precarização objetiva do trabalho e a forma como muitos trabalhadores percebem sua própria inserção nesse processo. A noção de “consciência em paralaxe” permite compreender essa ambiguidade: embora submetidos ao controle algorítmico, a longas jornadas e ao rebaixamento remuneratório, parte desses trabalhadores interpreta sua atividade sob o signo da autonomia, da flexibilidade e do empreendedorismo. Em diálogo com essa problemática, o texto de Marco Santana e Jörg Nowak analisa a greve dos caminhoneiros de 2018 e o Breque dos Apps de 2020, demonstrando que as redes sociais ampliam a capacidade de mobilização, comunicação e visibilidade pública dos movimentos, mas não substituem a construção de formas coletivas duradouras de organização.

Esse debate sobre mobilização e recomposição coletiva reaparece em outros artigos da coletânea. Sarrah Kassem, ao tratar dos trabalhadores da *Amazon* e da *Amazon Mechanical Turk*, examina os diferentes recursos de poder mobilizados em contextos marcados por fragmentação, vigilância e alienação. A comparação entre trabalhadores territorializados e trabalhadores *on-line* permite perceber que a economia de plataforma não produz uma experiência homogênea: a presença ou ausência de espaço comum, o grau de visibilidade, a natureza da tarefa e o tipo de vínculo interferem diretamente nas possibilidades de solidariedade, associação e resistência. De forma convergente, o artigo de Mateus Mendonça, Jamie Woodcock e Rafael Grohmann, sobre entregadores brasileiros no Reino Unido, desloca o debate para a composição de classe, evidenciando como trajetórias migratórias, precarização,

TRABALHO DIGITAL E NOVAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO

redes de sociabilidade e experiências transnacionais incidem sobre as lutas dos trabalhadores por plataformas.

Um segundo eixo importante da coletânea diz respeito à racialização, à migração e às hierarquias globais do trabalho. O artigo de Sophie Bernard, sobre motoristas da *Uber* em Paris, Londres e Montreal, é particularmente expressivo nesse sentido, ao demonstrar que o capitalismo de plataforma não pode ser compreendido apenas pela mediação tecnológica ou pela flexibilização contratual. A autora evidencia que a figura do motorista de aplicativo aparece associada, de modo recorrente, a homens racializados, frequentemente imigrantes ou descendentes de imigrantes, para os quais a promessa de autonomia e remuneração elevada se apresenta como alternativa diante de trajetórias marcadas por discriminações no mercado formal. Contudo, essa promessa se desfaz diante da deterioração das condições de trabalho, da intensificação das jornadas, da ausência de proteção social e da transferência dos custos da atividade aos próprios trabalhadores. A plataformização aparece, assim, como inovação do capitalismo racial, na qual exploração econômica, hierarquias migratórias e desigualdades raciais se articulam de modo estrutural.

Outro conjunto de textos amplia a análise para as cadeias produtivas, a logística e a infraestrutura material da digitalização. O artigo de Florian Butollo, Lea Schneidmesser e Simon Scheffler, sobre comércio eletrônico industrial e transformação no setor de fabricação de peças, contribui para mostrar que a digitalização do trabalho não se limita aos aplicativos de transporte e entrega, mas alcança também setores industriais e cadeias produtivas tradicionalmente associadas à manufatura. Na mesma direção, o texto de Ricardo Framil Filbe, sobre digitalização, comoditização e controle do trabalho em rotas urbanas, evidencia como os fluxos logísticos e os deslocamentos nas cidades passam a ser reorganizados por mecanismos digitais de gestão, controle e mensuração. Já o artigo de Katiuscia Moreno Galbena, Neusa Maria Dal Ri e Karina Pinhão, sobre os entregadores ciberproletários da Amazon, reforça a centralidade da logística e da circulação na dinâmica contemporânea de acumulação, chamando atenção para trabalhadores simultaneamente visíveis na paisagem urbana e invisibilizados nas estruturas de reconhecimento social e jurídico.

A coletânea também dedica espaço à inteligência artificial e ao trabalho que permanece oculto sob sua aparência automatizada. O artigo de Matheus Viana Braz, Paola Tubaro e Antonio A. Casilli, *Fabricar os dados: o trabalho por trás da inteligência artificial*, contribui para desmontar a ideia de que a IA opera de modo autônomo e imaterial, ao recolocar no centro

TRABALHO DIGITAL E NOVAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO

da análise o trabalho humano necessário à produção, classificação, limpeza e organização dos dados que alimentam sistemas algorítmicos. Em complemento, o estudo de Maria Candeias e António Brandão Moniz, sobre o impacto da inteligência artificial no emprego em Portugal, permite situar esse debate em uma chave mais ampla, voltada às repercussões da IA sobre o mercado de trabalho, as ocupações, as qualificações e as formas de regulação. Em ambos os casos, a tecnologia aparece menos como substituição pura e simples do trabalho humano e mais como reorganização das formas de exploração, controle e invisibilização do trabalho.

A obra avança ainda sobre temas que, à primeira vista, poderiam parecer laterais ao debate sobre plataformas, mas que se revelam fundamentais para compreender a racionalidade neoliberal contemporânea. O artigo de Kelem Ghellere Rosso, sobre as estratégias de controle do trabalho juvenil adotadas pelos restaurantes do Grupo Madero, explicita como a precarização se articula à juventude, à disciplina laboral e à formação de subjetividades adaptadas à instabilidade. Essa dimensão aparece também nos textos voltados à educação. Antonio Marcos Pantoja dos Santos analisa a educação rural mediada por tecnologias sob o olhar de estudantes do ensino médio, enquanto Matheus Paiva examina o ideal do sujeito empreendedor no Novo Ensino Médio. Esses artigos mostram que a plataformização e a racionalidade empresarial não reorganizam apenas o processo produtivo em sentido estrito, mas também incidem sobre a formação das novas gerações, sobre suas expectativas de futuro e sobre a própria maneira como trabalho, carreira, autonomia e sucesso são socialmente imaginados.

Por fim, o artigo de Tabata Berg, sobre a roça de toco quilombola e o trabalho em uma epistemologia da multiespécie, amplia os horizontes teóricos da coletânea ao tensionar abordagens centradas exclusivamente no trabalho humano abstrato e assalariado. Ao trazer território, natureza, ancestralidade e relações multiespécies para o centro da reflexão, o texto permite pensar outras formas de vida e de produção que escapam aos marcos estreitos da racionalidade capitalista. Sua presença na coletânea é importante justamente porque impede que o debate sobre novas infraestruturas produtivas se restrinja à tecnologia digital, abrindo espaço para uma reflexão mais ampla sobre trabalho, reprodução da vida, território e modos de existência.

Em seu conjunto, *As novas infraestruturas produtivas* oferece uma contribuição relevante para os estudos do trabalho ao articular, em uma mesma obra, debates sobre plataformas digitais, inteligência artificial, logística, indústria, juventude, educação, racialização, migração e território. Sua força está em demonstrar que a chamada modernização

TRABALHO DIGITAL E NOVAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO

tecnológica não elimina as contradições do trabalho, mas as atualiza em novos terrenos de disputa. Sob a aparência da inovação, da flexibilidade e da autonomia, persistem — e se renovam — formas profundas de subordinação, espoliação e expropriação.

Ao mesmo tempo, a coletânea evita uma leitura unilateral da precarização. Embora evidencie a degradação das condições de trabalho, a fragmentação das categorias profissionais e a força da ideologia empreendedora, os artigos também apontam para formas emergentes de resistência, solidariedade e recomposição coletiva. Assim, o livro contribui não apenas para diagnosticar o presente, mas também para pensar os desafios teóricos e políticos colocados à organização da classe trabalhadora na era digital. Trata-se, portanto, de uma obra relevante para quem busca compreender o trabalho no capitalismo contemporâneo para além das promessas tecnológicas que o revestem, enfrentando suas contradições materiais, subjetivas e políticas.

Referências

FESTI, Ricardo; NOWAK, Jörg (org.). **As novas infraestruturas produtivas: digitalização do trabalho, e-logística e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2024.



Esta é uma RESENHA publicada em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.